

PAULO FREIRE PEDAGOGIA DO OPRIMIDO TRINTA ANOS DEPOIS*

Por Dagmar Zibas

Fundação Carlos Chagas

Questão 1 - Em recente entrevista a uma revista semanal brasileira de grande circulação (Revista VEJA), Daniel Cohn-Bendit — o ex-rebelde que comandou as revoltas estudantis de maio de 68 na França — disse que os despossuídos estão órfãos, pois as questões sociais que lhes dizem respeito sumiram do atual discurso político. De fato, o atual predomínio das teses neoliberais tornou quase constrangedor mencionar-se a opressão econômica e social na América Latina. Parece que os dois pólos da relação histórico-dialética “opressor-oprimido” saíram de cena. Só se discute agora o “consenso social” para o avanço da modernidade. Nesse quadro, como fica a atualidade de seu livro *A Pedagogia do oprimido*, lançado há trinta anos?

PAULO FREIRE: A questão que você colocou agora não é estritamente brasileira, primeiro ou terceiro-mundista, mas é hoje uma questão universal. Obviamente, ela se coloca hegemonicamente no Primeiro Mundo e no discurso liberal, discurso que eu até chamaria de “pós-modernamente reacionário”. O que me parece, porém, que há de profundamente perigoso e profundamente arriscado, e de constatação um pouco melancólica e bastante triste, é a adesão a esse discurso realizada por grupos, intelectuais sobretudo, que, até pouco tempo atrás, se diziam de esquerda e se consideravam progressistas. O dramático, o trágico, dizia eu, é ver como esses grupos, estupefatos diante do processo histórico atual — diante da queda do muro de Berlim, por exemplo —, passaram a acreditar no discurso reacionariamente pós-moderno dos liberais. Esse discurso chegou (eu não diria que

ele chegou repentinamente porque ele vem chegando há muito tempo...) afirmando, entre outras coisas, que a História acabou e que a História que está aí não é a História que esteve e nem é a continuidade da História que esteve, mas é uma nova História que não tem nada a ver com as conotações da História através da qual aprendemos a compreender o mundo. É um discurso em que não há mais lugar para as ideologias, não há lugar para classes sociais e, portanto, não há lugar para conflitos, para a luta das classes. E se não há classes sociais e se não há luta de classes, acabaram-se os pólos antagonicamente contraditórios. Tudo é a mesma coisa. E se tudo é a mesma coisa não há por que não acreditar, por exemplo, que um político reacionário mudou; mudou para melhor porque amaciou o discurso, porque fala de temas ditos modernos, embora sua prática continue autoritária e discriminatória. Mas esse discurso “reacionariamente pós-moderno” obteve, infelizmente, o apoio de alguns ex-progressistas. Outro grupo bem pequeno da esquerda estupefata ficou enraivecido, com justa causa, diante da armadilha do discurso “pós-modernamente reacionário” e recaiu na doença terrível que é o stalinismo. Esse pequeno grupo de esquerda, em minha opinião, está contribuindo exatamente para a negação do que se deve afirmar como a verdadeira esquerda. De minha parte, continuo a dizer: eu sou

* Esta entrevista foi originalmente publicada na revista *Propuesta Educativa* (FLACSO-Argentina), n.9, de outubro de 1993.

um homem de esquerda, eu não acredito que tenham desaparecido a esquerda e a direita; elas estão aí claras, tangíveis, vivas e não precisam nem ser desveladas porque estão sensível e concretamente uma diante da outra. Mas um grupo pequeno de esquerda reaviva o stalinismo e fica assumindo posições tão nefastas ao sonho e à utopia socialista como antes o foi o socialismo real. Esse grupo perde uma oportunidade excelente de contribuir em termos sérios para a luta socialista; luta que está aí, entre nós, está no mundo, continua viva. Eu me recuso a pensar que se acabou o sonho socialista porque constato que as condições materiais e sociais que exigiram esse sonho estão aí. Estão aí a miséria, a injustiça e a opressão. E isso o capitalismo não resolve a não ser para uma minoria. Eu acho que nunca, nunca na nossa História, o sonho socialista foi tão visível, tão palpável e tão necessário quanto hoje, embora, talvez, de muito mais difícil concretização. Mas preciso explicar por que acho que o sonho é possível e não pode ser abandonado: eu acho que é possível precisamente porque agora, pela primeira vez, temos a possibilidade de começar tudo de novo, sem mais referência ao paradigma negativo do socialismo soviético, sem a figura autoritária dentro da qual emerge o chamado socialismo real. O discurso contra a utopia socialista — o discurso liberal ou neoliberal — necessariamente e obviamente enaltece o avanço do capitalismo. Para mim a única coisa boa do capitalismo foi a moldura democrática dentro da qual o capitalismo cresceu em algumas regiões. O capitalismo em si é nefasto, é perverso, mas a moldura democrática, dentro da qual se desenvolveu em alguns países, é uma grande conquista da humanidade. O maior erro das esquerdas foi não ter percebido que, historicamente, não tinha por que haver antagonismo entre socialismo e democracia. Decretou-se um antagonismo inexistente, um antagonismo fictício entre liberdade e socialismo. Eu não acredito nesse antagonismo; pelo contrário, eu continuo a dizer que a grande qualidade do capitalismo não lhe pertence, mas pertence à democracia, democracia que as esquerdas ingenuamente atribuíam à burguesia. As esquerdas decretaram que só a burguesia tinha sido competente em fazer uma democracia e desistiram da utopia democrática; agora é a vez de nós nos lançarmos na reconstrução da luta pelo socialismo, porém, através de procedimentos democráticos. Além disso, é preciso aprender a superar um pragmatismo muito ligado ao autoritarismo com o qual as esquerdas concebiam a História; ou seja, concebia-se a História não como possibilidade, mas como determinismo. É preciso que nós vivamos a História como possibilidade, compreendendo que o futuro não é inexorável, que o futuro é problemático e deve ser construído porque não está pré-dado. Na medida em que se entende a História como possibilidade, como futuro que se problematiza, necessariamente superamos o dogmatismo mecanicista — de origem marxista mas não de responsabilidade apenas de Marx — e passamos a compreender o importantíssimo papel histórico da consciência, o papel da subjetividade na feitura da História. No passado, fui criticadíssimo pelos

mecanicistas — marxistas ou não — precisamente porque, desde o começo de minhas atividades pedagógicas e políticas, valorizei o papel da consciência e enfatizei a natureza inalienável da individualidade dos sujeitos. Me parece que é nesse tipo de concepção e de prática que está a raiz da democracia. Em resumo, respondendo mais objetivamente a tua primeira pergunta, acho que uma das coisas que nos colocam hoje no fim do século, que é também o fim do milênio, é exatamente a coragem de continuar trabalhando, a necessidade de continuar lutando pela superação das condições históricas que mantêm a opressão econômica e social. Nesse sentido, eu te diria, sem nenhuma arrogância, que a *Pedagogia do oprimido* é hoje mais atual do que quando foi publicada, há 30 anos. É que esse é o clima: o clima histórico não é aquele que chora ou aquele que comemora o desaparecimento do sonho socialista, mas é aquele que afirma a necessidade e a possibilidade de concretização desse sonho.

Questão 2: Alguns analistas vêem a ética como cimento inexorável da sociedade moderna. Ou seja, com a falência do socialismo real ou mesmo da utopia socialista, com o recuo dos preceitos religiosos e com o enfraquecimento dos sindicatos, o capitalismo triunfante não encontraria mais freios para se realizar de maneira predatória, o que, no limite, ameaçaria sua própria sobrevivência como sistema. Daí acreditar-se na adesão dos capitalistas ao comportamento ético. Como o sr. vê essa possibilidade e qual o papel da educação e dos educadores nesse cenário?

PAULO FREIRE: Aqui é necessário perguntar: que ética é essa? Quer dizer: a favor de quem e a favor de que o sistema, para continuar sendo, vai ter que mudar. Esse “a favor de quem” é exatamente a favor do capital, dos interesses dos capitalistas. Assim, sua ética só pode terminar como negação da ética. É claro que chega um momento em que as classes dominantes descobrem que o que para elas, 25 anos atrás, significava um perigo tremendo, hoje é um risco aceitável. Veja um pequeno exemplo: fui estigmatizado. Fui exposto na imprensa deste País, quase todinha, como um inimigo: inimigo da paz, inimigo da competência, inimigo até de Deus. Tudo isso porque pretendi e porque propus que uma alfabetização, enquanto introdução à antropologia, devesse ser simultaneamente uma leitura do mundo e uma leitura do texto. Isso foi suficiente para que jornais, que se pensavam muito sérios, me chamassem — no mesmo dia — de fascista e bolchevista. Eu era condenado todo o tempo. Hoje, nenhum daqueles jornais, que 25 anos atrás me consideravam “o fim do mundo”, seria capaz de publicar coisas como aquelas. Em 1964, uma leitura do mundo como propus e uma leitura do texto eram coisas incrivelmente perigosas; hoje ainda são perigosas, mas são muito mais toleráveis. Há, sem dúvida, um segmento de industriais inteligentes e criativos que aprenderam, a duras penas, que devem pagar melhor a seus operários, que é mais produtivo desenvolver relações menos autoritárias. Afinal, a História é processo e não pára, não se imobiliza, como al-

guns pensam. Por isso o conflito se dá em outro nível, às vezes mais camuflado, mais amortecido. Mas a radicalidade da leitura do mundo continua não podendo ser aceita pelo conjunto da classe dominante, seja pelos neoliberais ditos modernos, seja pelos capitalistas trogloditas, profundamente atrasados. A leitura radical do mundo ainda é um perigo para a manutenção do *status quo*.

Questão 3: As rápidas mudanças tecnológicas da atualidade têm-se configurado para muitos como o limiar de uma nova era civilizatória, na qual a distribuição generalizada do conhecimento e da educação redesenharia em um patamar mais consensual as relações capital/trabalho. Outros analistas insistem em que o atual modelo de produção — que contempla rápida substituição de produtos de alta tecnologia — é um modelo extremamente concentrador e excludente, necessitando, para seu bom funcionamento, que apenas uma parte da população seja educada para produzir e consumir tais produtos. Como se coloca o educador Paulo Freire frente a essas duas correntes? Existe uma terceira vertente para se analisar atualmente a relação novas tecnologias/educação?

PAULO FREIRE: Esta questão, como as outras que você me fez, me toca demais, até me inflama e, apesar de eu estar um pouco debilitado, depois de uma crise de saúde e de um repouso de quatro meses por estrita recomendação médica, quero respondê-la integralmente. E eu começaria a responder a partir da Biologia. É até interessante isso. Não começo pela Política, mas com a Biologia, citando um dos grandes biólogos atuais, o francês François Jacob. Em uma entrevista recente, ele diz que os homens e as mulheres são seres programados para saber. Veja bem: programados, não determinados. E exatamente porque somos programados, somos capazes de nos pôr diante da programação e pensar sobre ela e indagar e até desviá-la. Isto é, somos capazes de interferir até na programação de que resultamos. Nesse sentido, a vocação humana é a de saber o mundo através da necessidade e do gosto de mudar o mundo. A vocação é de saber o mundo através da linguagem que fomos capazes de inventar socialmente. No fundo, nós nos tornamos capazes de desnudar o mundo e de falar o mundo. Só podemos falar o mundo porque mudamos o mundo. O processo não poderia ser inverso. Nesse sentido é que a linguagem não apenas veicula o saber, mas é saber. Ela é produção de saber. Me parece, então, que, a partir daí, é impossível compreender a vida histórica, social e política de homens e mulheres fora do gosto e da ne-

cessidade de saber. Só que esse é um saber de que somos sujeitos, inventores, criadores e um saber que não termina; um saber que acompanha o processo individual e social das pessoas no mundo. Esse não é um saber que escape à politicidade da presença nossa no mundo. Quer dizer: é impossível estar no mundo apoliticamente, neutramente. Não dá para estar. Há sempre valoração, há sempre comparação, há sempre escolha que demanda decisão, ruptura, e isso tudo tem que ver com a forma de se estar sendo no mundo, que é uma forma profundamente política. O mundo mudou e está mudando, mas não de modo que possamos dizer que tudo o que era válido há 5 anos não o é mais. Mesmo porque essa coisa não acontece na História. A História tem uma horizontalidade que não significa repetição, nem perpetuação, mas continuidade. Ou seja, há uma relação de continuidade no processo histórico que não pode sofrer uma ruptura que signifique o advento de algo absolutamente inédito. Precisamos hoje de mulheres e homens que, ao lado do domínio dos saberes técnicos e científicos, estejam também vocacionados para saber o mundo de outra forma, através de tipos de saberes não preestabelecidos. A negação disso seria repetir o processo hegemônico das classes dominantes, que sempre determinaram o que é que as classes dominadas devem saber e podem saber. No discurso dominante hoje, o saber novo e necessário do mundo é apenas um saber profissional e técnico que ajuda as camadas populares, sobretudo no Terceiro Mundo, a sobreviver. Pois eu digo: não, não é só isso. Para o Terceiro Mundo, assim como para o Primeiro, o saber fundamental continua a ser a capacidade de desvelar a razão de ser do mundo e esse é um saber que não é superior nem inferior aos outros saberes, mas é um saber que elucida, é um saber que desoculta, ao lado da formação tecnológica. Por exemplo, estou convencido de que, se sou um cozinheiro, se eu quero ser um bom cozinheiro, preciso conhecer muito bem as modernas técnicas da arte de cozinhar. Mas eu preciso sobretudo saber para quem cozinho, por que cozinho, em que sociedade cozinho, contra quem cozinho, a favor de quem cozinho. E esse é o saber político que a gente tem que criar, cavar, construir, produzir para que a pós-modernidade democrática, a pós-modernidade progressista se instale e se instaure contra a força e o poder da outra pós-modernidade que é a reacionária.

São Paulo, setembro/1993.